

A HISTÓRIA VISTA DE BAIXO: A VISÃO ASTECA DA CONQUISTA ESPANHOLA

Isadora Machado B. de Moraes

RESUMO

Estudo da conquista espanhola sobre os mexicanos baseado em relatos, poemas e figuras astecas que descrevem a conquista até o momento da morte do seu Chefe Supremo, Motecuhzoma e a *Notche Triste*, destacando: os motivos da derrota; presságios nativos da chegada estrangeira; a relação traçada com o outro; alianças feitas entre conquistador e conquistado e, por fim, as atitudes que revelaram as verdadeiras intenções e a identidade dos estrangeiros.

Palavras-Chave: Conquista; Astecas; Visão dos vencidos.

INTRODUÇÃO

“O que os índios pensaram quando viram um povo estranho surgir na costa?”, “Quais foram suas primeiras atitudes em relação a eles?”, “Como entenderam sua própria derrota?”. São as respostas para perguntas como estas (pouco realizadas, é verdade) que este breve estudo tentará mostrar.

Muitos povos registraram como puderam a sua versão dos fatos sobre a conquista por parte dos espanhóis a partir de 1492. No caso específico dos astecas, (os quais terão ênfase nesse estudo) por serem um povo que valorizava a palavra e tinha grande interesse pela história, várias pinturas foram feitas, relatos e poemas foram escritos posteriores à conquista - muitos dos quais traduzidos do nahuatl para o espanhol - o que possibilita uma maior compreensão da forma de ver o mundo deste povo, dos seus pensamentos e medos.

Os relatos indígenas apresentados ao longo do texto, assim como os poemas e as figuras, mostram um pouco dessa história dos vencidos contada por quem tem mais autoridade para isso: eles mesmos. É óbvio que se deve levar em conta o fato de a maioria desses relatos terem sido escritos após a chegada espanhola e sofrido influências desse contato com o conquistador, o que não quer dizer, entretanto, que são falsos ou indignos de estudo.

Além disso, será feita uma análise complementar de outras fontes bibliográficas, destacando-se *A Visão dos Vencidos* de Miguel León-Portilla e *A Conquista da América* de Tzvetan Todorov, que permitem a melhor compreensão dos fatores que possibilitaram a vitória espanhola, a relação traçada entre dominador e dominado e os componentes do pensamento deste último que regeram suas ações.

A vitória espanhola desperta muitos questionamentos. Interessa também a esse estudo tentar entender como uma civilização tão desenvolvida, que apresentava um número maior de guerreiros do que o exército conquistador pôde ser dominada e destruída. Ao longo do texto serão apresentados pensamentos e atitudes que colaboraram para essa derrota.

Seria impossível retratar todos esses depoimentos indígenas neste breve artigo e não é essa a proposta. Este texto atingirá seu objetivo se conseguir despertar interesse, voltar o olhar do leitor para essa visão marginalizada do perdedor. Será feita aqui apenas uma brevíssima introdução a um tema de inesgotáveis possibilidades de estudo.

OS PRESSÁGIOS QUE ANTECEDERAM A CHEGADA ESPANHOLA

Na cultura asteca, qualquer fato que fuja um pouco do que é de costume é considerado um presságio de outro que está por vir, geralmente negativo. Nada acontece sem ser previsto ou indicado por sinais e presságios, mesmo porque o calendário asteca é baseado na certeza da repetição do tempo, na circularidade, então, para saber o futuro basta saber o passado, sendo possível prever tudo. Passado e futuro se tornam a mesma coisa.



Os depoimentos dos informantes de Sahagún¹ assim como o de Diego Muñoz Camargo² relatam os presságios e agouros que seriam indício de que grandes tormentos e guerras estariam por vir, e teriam começado a ser sentidos dez anos antes da chegada dos espanhóis. Vale a pena descrever alguns deles:

1- O aparecimento de uma espiga de fogo no céu de forma piramidal que permaneceu um ano pelo menos, aparecendo principalmente enquanto estava escuro e que causou grande desespero entre as pessoas;

- 2- O incêndio do templo Huitzlopuchtli que teria começado sem que ninguém o provocasse e aumentava cada vez que se tentava apagá-lo;
- 3- A queda de um raio sobre o o templo Tzonmolco que o queimou por completo;
- 4- A passagem de cometas pelo céu que corriam até o Oriente, com força e violência;
- 5- A alteração das águas da lagoa mexicana que teriam começado a ferver até espumar e transbordar sobre as casas;
- 6- A voz de uma mulher (a deusa Cihuacóatl) que se ouvia em várias noites a chorar e gritar com desespero;
- 7- O apresamento de uma ave cinzenta parecida com o grou que possuía na cabeça um diadema redondo com forma de espelho, transparente e claro, através do qual Motecuhzoma teria visto um grande número de pessoas que marchavam e guerreavam;
- 8- O aparecimento repetido de homens deformados que tinham duas cabeças e um só corpo e que quando eram vistos pelo Chefe Supremo desapareciam.³

O próprio Motecuhzoma ficou temeroso diante de tais presságios e mandou reunir todos os magos e feiticeiros que fosse possível a fim de consultá-los para saber se haveriam guerras próximas ou grandes desgraças e manteve-os presos até que falassem o que estava por vir. Quando finalmente falaram, desapareceram misteriosamente e Motecuhzoma ordenou que matassem suas famílias e destruíssem suas casas.

Os mesmos presságios se repetem em vários depoimentos o que nos leva à consideração feita por Todorov⁴ de que teriam sido criados *a posteriori* como uma justificativa, já que nada poderia acontecer sem que tivesse sido previsto.

AS IMPRESSÕES E AÇÕES EM RELAÇÃO AO CONQUISTADOR

Quando os espanhóis chegaram a América, o Reino Asteca já havia feito inúmeras conquistas e se expandido pelo México Central. Tinham sua própria cultura, cidades desenvolvidas e uma complexa estrutura político-social com divisão de classes.

Há quem acredite que durante séculos de existência esses povos não tiveram o menor conhecimento da existência da Europa ou de terras situadas além-mar, aliás, não consideravam possível atravessá-lo. Ora, o que poderiam pensar quando viram homens vindos da água, em embarcações que à primeira vista pareciam morros flutuantes?

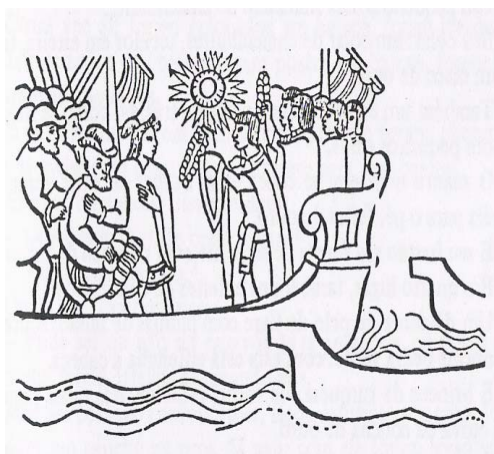
Como foi visto, documentos nativos descrevem uma atmosfera de extremo terror causada por sinais e presságios até mesmo do fim do mundo, então, de repente, surgem monstros de quatro pernas montados por homens de pele muito branca, cabelos amarelos e barba, que adentravam suas terras com presunção, armados com alguma coisa que soltava fogo e era capaz de derrubar árvores inteiras. O que seria isso senão o fim dos tempos, uma revolta dos deuses?⁵

Os mexicanos acreditavam no retorno do Deus civilizador Quetzalcóatl que teria partido em direção ao leste e voltaria num ciclo de 52 anos. Coincidência ou não, foi nesse ciclo que os espanhóis chegaram, o que provavelmente os fez pensar, pelo menos até certo ponto, que se tratava do retorno dos deuses. Além disso, muitos acreditam que o Chefe Supremo do Reino asteca, Motecuhzoma, angustiado por suas culpas, temia serem os Tlaltecas que voltavam para reivindicar sua terra tomada pelos astecas que antes eram apenas forasteiros e se declaravam herdeiros.

É compreensível a dificuldade e até mesmo a inaceitação do outro como igual (retirando-o do patamar de Deus) sendo ele tão diferente. Os mexicas não diferiam absolutamente dos espanhóis no que diz respeito à relação com outrem. Para aqueles, os povos distantes que não falavam nahuatl eram considerados bárbaros, mudos. Dependendo da distância geográfica e cultural o estrangeiro não serviria nem para o sacrifício, pois para isso deveria também ser estimado. Os astecas estavam acostumados com as diferenças que existiam entre eles, os tlaxcaltecas e outros povos próximos, mas o grau de estranheza dos espanhóis é tão grande que chegam a contestar sua humanidade.⁶

As atitudes de Motecuhzoma, em especial, serão contraditórias durante toda a conquista: teme aos espanhóis e, ao mesmo tempo, acredita em sua divindade; oferece-lhes presentes, jóias, ouro, mulheres e até mesmo sacrifícios humanos enquanto esconde-se e chega a pensar em fugir.

Quando foi avisado de que chegavam à costa coisas estranhas que flutuavam sobre o mar, a primeira atitude do Chefe Supremo asteca (logo após mandar prender seu informante) foi ordenar que averiguassem o que existia entre o mar e o céu o mais rápido possível. Quando soube que



realmente haviam homens estranhos e que estavam à margem pescando, mandou chamar secretamente alguns ourives a quem solicitou que fizessem inúmeros presentes pra serem entregues aos “deuses”.

Para se ter noção do valor desses presentes basta

citar alguns : Um colete feito de plumas de quetzal; uma máscara de serpente, feita de turquesas; um escudo de ouro, recoberto por conchas de nácar; um bracelete de chalchihuites (diversos tipos de pedras verdes); um jogo de cascavéis de ouro que se atam ao tornozelo; um diadema de pele de tigre com plumas de faisão; um capacete de concha feito de ouro⁷. Lembrando que esses são só alguns, a lista é quase interminável.

Logo foram enviados mensageiros encarregados de levar os presentes e Motecuhzoma mandou vigias às margens de nauhtla, Tuztlan e Mictlancuauhtla que é por onde os forasteiros poderiam sair⁸. Uma característica que poderia ter beneficiado mais os astecas é justamente essa preocupação de sempre saber onde os espanhóis estavam, como agiam, a coleta de informações. Motecuhzoma nunca deixava de enviar espiões, mesmo que às vezes se irritasse com as notícias e acabasse matando os informantes. Aliás, esse é só mais um exemplo de suas ações contraditórias.

Ao chegar ao encontro dos espanhóis os mensageiros os reverenciaram e fizeram um discurso ordenado por seu Chefe: “- Envia- nos aqui teu lugar - tenente Montezuma. Eis aqui o que te dá como acolhida ao chegares a tua morada do México ”⁹. Em seguida colocaram no capitão os enfeites que traziam. Sua resposta foi amarrá-los e disparar o canhão para que se intimidassem e conseguiu, pois desmaiaram. O capitão queria testá-los, provar sua bravura, duelar com eles, ao que se recusaram e, quando puderam, voltaram desesperados para relatar o ocorrido.

Um diferencial importante entre Colombo e Cortez em sua relação inicial com os índios é que este último consegue estabelecer um diálogo, León-Portilla explica isto:

Os Mensageiros de Motecuhzoma e os espanhóis conseguem entabular estes diálogos desde o início porque Cortés trazia consigo Jerónimo de Aguilar e Malinnczin. Esta última entendia as palavras dos índios ditas em nahuatl, comunicava a Aguilar em maia e finalmente Aguilar traduzia em castelhano para que os conquistadores pudessem entender.¹⁰

Mas nem por isso pode-se dizer que houve *comunicação* pois para que esta ocorra é preciso muito mais do que palavras, os espanhóis não se tornaram menos estranhos por isso; os índios não conseguiram entender o que eles pretendiam; e o barulho do canhão parece ter causado mais efeito do que qualquer palavra dita.

Informado dos acontecimentos Motecuhzoma se angustia, é invadido por grande temor. É

aqui que deixa transparecer sua ambigüidade em relação ao conquistador: envia magos e feiticeiros com ordens de fazer todo o possível para prejudicar os espanhóis e, ao mesmo tempo, sem ter certeza de que realmente não eram deuses, envia homens para serem sacrificados na presença deles.

Enquanto o exército de Cortez avançava em direção ao México-Tenochtitlan e aumentava com o número de povos aliados, o desespero da população era grande. Não sabiam o mal que poderiam fazer, sabiam que o estrangeiro era forte demais para eles e que tinha armas poderosas.

As tentativas de Motecuhzoma de afastar os espanhóis acabavam os aproximando mais. Enviava-lhes ouro em grandes quantidades (o que obviamente teve efeito contrário ao esperado por ele), e os amedrontavam com rituais antropofágicos. Ele já não sabia o que fazer, não sabia mais se comunicar, o maior orador mexica abdicou da palavra. As constantes indagações dos espanhóis em relação a sua pessoa o desesperavam, Motecuhzoma queria morrer mas não queria estar na presença dos estrangeiros, pedia que fossem embora, que levassem o ouro. Pensa em fugir, esconder-se em alguma caverna, tudo para não ser visto. Todorov¹¹ explica que essa recusa se dá também devido a tradição, de uma lei do seu antepassado Motecuhzoma I que dizia que os reis nunca devem aparecer em público. Lei que seguia à risca, nem seus súditos o olhavam nos olhos, não conheciam seu rosto.

Essa dúvida nas ações de Motecuhzoma e a sua recusa em guerrear acabou voltando seu povo contra ele, diziam que era fraco, chamavam-no de covarde. O Chefe Supremo enfraqueceu junto com o seu Reino e decidiu apenas esperar.

A VISÃO DOS ALIADOS

A chegada dos espanhóis não causou a mesma reação em todos. Relatos indígenas apresentam detalhes de como Ixtlilxóchitl, príncipe de Tezcoco, recebe pacificamente Cortez e acaba por se tornar cristão, assim como outros o fizeram. O que poderia justificar a aliança de povos nativos com essa gente tão estranha recém-chegada? O que os fez confiar nos espanhóis e lutar contra vizinhos? Povos como os tlaxcaltecas viram nesse acontecimento uma oportunidade de se verem livres da dominação asteca.

Como anteriormente foi dito, os astecas construíram seu reino através de guerras de conquista e, em 1519, já dominavam milhões de pessoas de povos distintos. Alguns vizinhos faziam acordos para se manterem livres e os que se recusavam eram dominados.

Se é certo afirmar que os Tlaxcaltecas perderam tanto quanto os mexicas na dominação espanhola (pois sua cultura foi igualmente destruída, seu povo igualmente humilhado) temos que admitir que tinham vários motivos para se aliarem aos espanhóis contra os astecas. Os astecas mantinham com eles um acordo bastante estranho, os tlaxcaltecas eram livres mas deveriam travar guerras constantes com aqueles, os astecas abdicariam da terra e em troca, capturariam prisioneiros nas freqüentes guerras para serem sacrificados. O que, obviamente, não satisfazia os tlaxcaltecas. E este sentimento de ódio não era presente apenas entre eles, muitos outros povos como os cempoaltecas (obrigados a pagar tributos ao México-Tenochtitlan) viram nos espanhóis seus libertadores. Sobre isso, escreve Bernal Díaz:

Os habitantes dessas aldeias (...) queixam-se muito de Montezuma e de seus coletores de impostos, que lhes roubavam tudo o que tinham, e que, se suas mulheres e filhas fossem formosas, violentavam-na diante deles e de seus maridos, e roubavam-nas, e que obrigavam-nos a trabalhar como se fossem escravos.¹²

Os espanhóis usaram essa imagem dos astecas para justificar sua dominação, pois muito antes deles, os astecas já saqueavam, matavam e chegaram até a queimar manuscritos antigos para que a história fosse contada a seu modo.

Também não se pode negar que essas alianças tenham sido feitas por medo, pois apenas depois da derrota dos otomíes de Tecoac é que os tlaxcaltecas decidem aliar-se aos espanhóis: “ pois agora fiquemos do seu lado; façamo-nos seus amigos, sejamos amigos seus. Os de baixo estão arruinados!”¹³ . Alguns povos resistiram até onde puderam ao poder espanhol, por fim, os que não faziam alianças acabavam destruídos.

OS DEUSES SE REVELAM

Cortez continua avançando e o México Tenochtitlan já não está tão longe, no caminho fazem um massacre a Cholula, possivelmente incitados por intrigas feitas pelos tlaxcaltecas que os consideravam inimigos. Os informantes de Sahagún descrevem como os espanhóis cercam a cidade, depois fecham as entradas e começam a matança, ajudados pelos tlaxcaltecas. Diego Muñoz Camargo mostra a confiança que os cholultecas tinham em seus deuses, acreditavam que nada seria capaz de derrotá-los e esperavam que um raio enviado por eles viesse destruir os estrangeiros. Ao perderem a batalha os cholultecas concluíram que os deuses dos homens brancos realmente eram

mais fortes e poderosos que os seus.

Após saquear, roubar e matar a gente de Cholula, os “deuses” continuaram provocando horror. Por onde passava, a notícia do massacre aterrorizava todas as pessoas. Motecuhzoma continuava informado sobre tudo e cada vez gostava menos do que ouvia.

O Chefe Supremo asteca envia novos mensageiros liderados por Tzihuacpopocatzin, encarregados de levar mais ouro para os espanhóis. Porém, Tzihuacpopocatzin comete um grande erro ao fingir ser o Chefe asteca, pois desperta raiva em Cortez. Motecuhzoma novamente envia feiticeiros para barrar os espanhóis e não tem sucesso.

Finalmente os espanhóis chegam ao México-Tenochtitlan. Depois de muitas idas e vindas o Chefe asteca decide recebê-los pacificamente, com grande cerimônia. Para isto, enfeita-se todo e prepara mais presentes. Os informantes de Sahagún relatam o discurso de Motecuhzoma quando se encontra frente a frente com Cortez:

Não, não é que eu sonhe, não me levanto adormecido do sonho: não vejo isso em sonhos, não estou sonhando...Acontece que eu já te vi, acontece que já coloquei meus olhos em teu rosto! (...)Chega à terra : vem e descansa ; toma posse de tuas casas reais ; dá refrigério ao teu corpo. Chegai a vossa terra, senhores nossos! ¹⁴

Motecuhzoma tornou-se prisioneiro de Cortez, dava-lhe tudo que pedia, especialmente ouro.



A matança da festa de Tóxcatl*

Os espanhóis saquearam Teucalco (a casa do tesouro), levaram o que julgaram valioso e queimaram o resto, assim como queimaram os livros maias. Tesouros astecas que hoje teriam grande valor histórico foram perdidos por pura ganância e pela incompreensão do valor do outro, das suas obras, da sua vida. Tudo que existia feito de ouro, jóias, estátuas, foi reduzido à barras. Segundo os Informantes de Sahagún¹⁵, se apoderaram do que lhes parecia bonito, invadiram as casas, reviraram tudo. Os tlaxcaltecas também ganhavam sua parte. Igualmente, as riquezas do Chefe Supremo foram tomadas e reduzidas. Os mexicanos entregavam tudo aos espanhóis com pavor e desespero.

Textos indígenas descrevem a matança feita por Dom Pedro De Alvarado, quando os astecas celebravam festa em honra de Huitzilopochtli (Essa festa, o Tóxcatl, era a principal do ano asteca) e Cortez havia partido para combater tropas espanholas dirigidas contra ele.

Os espanhóis haviam dado licença para o festejo dos astecas e eles o prepararam com muito afinco, fizeram a figura de Huitzilopochtli usando apenas sementes e a enfeitaram de todas as maneiras. A festa começou bem cedo e foi quando os mexicas estavam mais animados, quando a festa estava nos seus melhores momentos, que os espanhóis resolveram matar. Os informantes de Sahagún descrevem este momento:

Pois assim estão as coisas, enquanto se está gozando a festa, já é o baile, já é o canto, já enlaçam um canto com outro, e os cantos são como um estrondo de ondas, nesse preciso instante os espanhóis tomam a determinação de matar a gente. Logo todos vêm pra cá, todos vêm em armas de guerra.¹⁶

Quando se soube do lado de fora do templo o que ocorria, os capitães mexicanos juntaram-se e começou a batalha. As famílias recolheram seus mortos, todos foram reunidos e queimados no Pátio Sagrado. Motecuhzoma fora novamente aprisionado e reconhece, então, a superioridade do inimigo, incentivando seu povo a parar de lutar. Mas esse apelo não foi aceito pelos mexicas, revoltados pela forma covarde com que os guerreiros haviam sido mortos no templo, não desistiram de lutar e Motecuhzoma não era mais seu Chefe. Os astecas cercaram os espanhóis na Casa Real.

Tendo notícia da volta de Cortez, os mexicas ficaram à espreita, não se deixaram ver, mantiveram-se prontos para a batalha. Batalha que duraria quatro intensos dias até que é jogado na água o corpo de Motecuhzoma. Não se sabe com certeza como morreu o Chefe Supremo dos astecas, Fernando de Alva Ixtlilxóchitl dá hipóteses: “Dizem que um dos índios lhe atirou uma pedrada da qual morreu; embora digam os vassallos que os mesmos espanhóis o mataram e pelas partes baixas lhe meteram a espada”¹⁷. Os ataques astecas não cessaram e os espanhóis resolveram fugir à noite, até que foram descobertos e começou outra grande batalha onde metade do exército de Cortez é morto, seria a *Notche Triste*.

Cortez se retira para ganhar novas forças, enquanto os astecas acreditam que tudo voltou a ser como era antes e estariam livres do terror espanhol, voltaram a sua vida cotidiana e mal sabiam que o pior estava por vir: os espanhóis não tinham desistido.

CONCLUSÃO

Chorai amigos meus,
tereis entendido que com esses fatos
perdemos a nação mexicana
A água azedou, se azedou a comida !
Isto é o que fez o criador da vida em Tlatlelolco
Sem recato são levados Moteluihtzin e Tlacotzin
Com cantos se animavam uns e outros em Acachinanco,
ah, quando foram a ser postos à prova lá em Coyacan...!¹⁸

A conquista da América é sem dúvida o maior choque entre culturas da história da humanidade. A chegada de Colombo ao Caribe marca o início de um novo Tempo tanto para a Europa quanto para o Novo Mundo.

Várias versões sobre essa conquista foram e são feitas até hoje, mas a maioria preocupa-se apenas em relatar os fatos partindo da percepção de quem ganhou, de quem “descobriu” e entrou para a história como civilizador de um mundo bárbaro, o europeu. Comumente se esquece que haviam pessoas na América, que elas tinham sua própria história, sua própria forma de ver o mundo antes da chegada dos europeus. Esses povos, hoje generalizados por índios, são citados como meros figurantes de uma guerra que acabaria por exterminá-los quase por completo. Foi a sua cultura, o seu povo que foi destruído e, como perdedores, não lhes foi dada a importância que merecem.

Os astecas perderam a guerra, é verdade. Mas nem por isso deve-se esquecer a importância que têm até hoje, seja como influência sob seus descendentes, seja como objeto de estudo.

Para encerrar este artigo, um último poema que nos permite entender um pouco mais da visão dos vencidos:

E tudo isto se passou conosco.
Nós o vimos,
nós o admiramos
com esta lamentosa e triste sorte
nos vimos angustiados

Nos caminhos jazem dardos rotos
os cabelos estão espalhados
destelhadas estão as casas,
ensanguentados têm seus muros
vermes pululam pelas ruas e praças,
e as paredes estão salpicadas de miolos.¹⁹

NOTAS

¹ *Florentine Codex, Santa Fe, New Mexico, 1950- 1957*

² *História de Tlaxcala*, Ed.Chavero.México,1892

³ Narrativas encontradas em LEÓN-POTILLA, Miguel - *A visão dos vencidos. A tragédia narrada pelos astecas*. Porto Alegre, LPM, Editores, 1985.

⁴ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - a questão do outro*. Martins Fontes. SP. 1988.

⁵ Nathan Wachtel , *Os índios e a Conquista Espanhola*.in BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina : América Latina Colonial* .vol 1. 2a ed. São Paulo: Brasília, Fund. Alexandre Gusmão, 1988.

⁶ TODOROV, Tzevetan.*op.cit*

⁷ Relatos presentes no *Códex Florentino* utilizados em León-Portilla, Miguel. *op.cit*

⁸ *Idem*

⁹ *Ibidem*

¹⁰ LEÓN-POTILLA, Miguel. *op.cit* , p. 42

¹¹ TODOROV, Tzevetan. *op.cit*, p. 99

¹² *Idem* p.82

¹³ Relato dos informantes de Sahagún encontrado em LEÓN-PORTILLA, Miguel.*op.cit*, p.54

¹⁴ *Idem* p.75

¹⁵ *Ibidem* p.77

¹⁶ *Ibidem* p.84

¹⁷ IXTLILXÓCHITL, Fernando de Alva : *obras históricas, 2vols, México,1891-1892*, encontrado também em LEÓN-PORTILLA, Miguel. *op.cit*, p.91

¹⁸ Canto triste de 1523, presente na coleção de *Cantares Mexicanos* . Oficina tipográfica da secretaria do fomento, México, 1940. e em LEÓN-PORTILLA, Miguel. *op.cit*

¹⁹ *Manuscrito indígena de 1528* presente em LEÓN-PORTILLA, Miguel. *op.cit*

* *Imagens do Atlas ou Códice de Durán em História de las Indias de La Nueva España e Islas de Tierra Firme, por Frei Diego de Durán, México, 1867-80 . Presentes em LEÓN-PORTILLA, Miguel. op.cit*